

ASPECTOS POLÍTICOS E RELIGIOSOS NA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE FOLHETOS DE CORDEL DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE¹

Por: GILMÁRIO MOREIRA BRITO²

O propósito desse texto é identificar, problematizar e refletir sobre a produção e circulação de narrativas políticas e religiosas em folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante entre as décadas de 1940 a 1950 em Salvador. A preocupação em investigar narrativas construídas pelo autor acerca das relações políticas, religiosas e culturais, que ganham significados no cotidiano de Salvador emergiu nas discussões do Grupo de Estudos História, Cultura, Educação e Linguagens, GEHCEL, que atua no DEDC, PPGHIS e PPGEduc.³ Para compreender as relações estabelecidas entre o referido autor de folhetos e seu público - grupos de moradores de Salvador -, problematizamos as narrativas poéticas a partir da produção, circulação e veiculação dos folhetos tanto como mídia quanto suporte de relações sociais. O poeta ao transformar o que ler, ouve, percebe de acordo sua experiência, as transforma em narrativas poéticas as imprime em folhetos e os transforma em meio de comunicação para transmitir informações e notícias originárias de várias fontes para serem adquiridas por outros grupos de consumidores. Mas, os folhetos produzidos exclusivamente para venda e para outros propósitos também se constituem em suporte de relações sociais já que são produzidos para veicular normas, valores, costumes de modos de viver para grupos que assumem diferentes lugares nas relações sociais cotidianas de Salvador.

Assim, produzir e vender folhetos para o leitor individual, o comprador que não sabe ler os leva para ser lido em tempo /espaço de sua preferência ou ouvir as narrativas poéticas através de leituras, recitações e performances que os autores fazem para uma audiência coletiva de grupos que tinham restrito acesso às decodificações do texto

¹ Primeiras reflexões de pesquisa mais ampla “Leituras de Linguagens em folhetos de cordel por alunos letrados ou em processo de letramento da Educação de Jovens e adultos de Salvador” que em breve será publicada como artigo.

² Professor Titular DEDC / PPGHRL / PPGEduc / UNEB Campus I

³ O GEHCEL é coordenado por Gilmário Brito e constituído por mestres e orientandos de mestrado dos Programas Pós Graduação. História Regional e Local e Educação e Contemporaneidade, assim como por voluntários e bolsistas de iniciação científica do Departamento de Educação Campus I da UNEB. Mestrandos Silva, Miguel Andrade; Carneiro, Sinara; Anjos, Eva Carvalho; Vinagre, Shirley; Pires, Dartilene Andrade. Bolsistas de IC Silva, Caren Teixeira; Silva, Milena Cerqueira e das voluntárias Costa, Regina, Estrela, Juliana Arouca que participam do Projeto de Pesquisa.

escrito, eles buscavam disseminar concepções políticas, religiosas, saberes e valores que lhes são propícios e a partir dos quais esperam construir visibilidade para seus lugares de na sociedade. Nesse sentido, compreendemos as linguagens oral, escrita, gestual e imagética que cruzam nos folhetos como constitutivas tanto dos poetas quanto do público com o qual dialoga. Assim, pretendemos investigar os folhetos de cordel como instrumentos através dos quais podemos nos aproximar de experiências e vivências de sujeitos e grupos sociais não letrados, de restrito acesso aos códigos da norma culta e/ou que realizavam leituras de distintas linguagens e se posicionam diante das relações e tensões vividas no cotidiano de Salvador.

Nesse sentido, pode-se dizer que os encontros poeta e leitores eram tanto sinônimo de entretenimento e diversão quanto momentos de socialização e discussão sobre as relações e tensões vivenciadas. Observamos que, em muitas ocasiões, a leitura do folheto era um evento que marcava encontro, reunia vizinhos, parentes e amigos, para ouvir a narrativa do leitor escolhido para recitar os versos, que eram geralmente os mais letrados e tinham uma boa entonação.

Ao longo da pesquisa identificamos que Rodolfo Coelho possuía diferentes habilidades poéticas, no domínio da escrita e apropriações do padrão da norma culta. Mas, é importante observar também que a literatura de folhetos, apresenta na sua poesia de seis, sete ou dez estrofes, setesilábicas, decasilábicas, ritmo e rima (PROENÇA, 1985:33)⁴ que, mesmo grafada e impressa, guarda fortes traços da oralidade (ABREU 1997:255)⁵, conservando-os na escrita poética e formas da fala. Assim, a leitura dos folhetos suscita tanto ser memorizada quanto a participação do outro que escuta. Essa constatação sobre as inter-relações das linguagens nos folhetos instigaram a investigar as possibilidades de leituras de poética e imagética sobre práticas das relações políticas, religiosas e culturais vivenciadas no cotidiano de Salvador através do exame de alguns folhetos de Rodolfo.

⁴ Segundo esse autor a rima presta importante serviço à poesia informando certas pronúncias, especialmente aquelas terminadas em anhe.

⁵ A esse respeito são importantes pesquisas realizadas por Abreu, Márcia. “Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos”. ELO – Estudos de literatura Oral, nº 3, Centro de Estudos de Algarve, Campus de Gambador, Faro: Portugal. 1997 p. 255. E “Literatura de Folhetos Nordestina: Uma alternativa para a alfabetização”. In: **Anais do I Congresso Luso - Brasileiro, Lisboa, 23 a 26/10/96 e Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (Histórias de Leitura).

Os folhetos trabalhados nesse artigo foram levantados nos arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa (BRITO, 2009) ⁶, Fundação Cultural do Estado da Bahia e Museu Casa do Sertão / UEFS. O trabalho com as fontes possibilitou identificar narrativas cujas temáticas versam em linhas gerais sobre relações políticas, religiosas, amorosas, familiares, condições de vida, estabelecidas no cotidiano de Salvador nas décadas de 1940 e 1950.

Dentre as múltiplas abordagens sobre temáticas relacionadas à ética e a moral da religião católica, poucos autores enfrentaram o desafio de poetizar sobre os milagres de santos católicos, as práticas religiosas como Rodolfo, e aqueles poetas interessados por estas manifestações dirigiram o foco para seus conflitos com os católicos. Essa constatação despertou o interesse de indagar por que o poeta Rodolfo Cavalcante decidiu construir imagens sobre milagres devocionais já que essas manifestações culturais são constituintes do universo extraordinário e admirável da religiosidade brasileira?

Aliás, esse questionamento ganha ainda mais relevância quando observamos nos processos de construção de culturas religiosas, as relações e tensões entre normas e princípios instituídos através da hierarquia da igreja católica para organizar e manter debaixo de seu controle os fiéis. Assim, o surgimento de práticas religiosas originárias de tradições devocionais cristãs, divulgadas por pregadores leigos, a exemplo de beatos e rezadeiras, que apresentam expressões de uma religiosidade singular, são, genericamente denominados por estudiosos de religiosidade popular.

A esse respeito, (BRITO, 2009: 22-25) identifica que em algumas avaliações sobre a formação religiosa de origem cristã, estudiosos leigos e clérigos atribuem significados, conceituando o popular como,

forma de cultura na qual a religião é adotada e vivida... por segmentos mais simples do povo, cujos valores, capazes de responder interrogações da existência humana, podem sintetizar o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto (SCHLESINGER, 1995: 2199-2200)

⁶ Trata-se de pequeno acervo dos mais antigos folhetos do Nordeste, organizados e classificados pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) que reproduzimos durante a pesquisa. Também encontramos folhetos que tratam sobre religiosidade em outros arquivos e acervos.

Porém, as práticas religiosas adotadas “pelos segmentos mais simples do povo” são julgadas como seitas religiosas deformadas, limitadas e perigosas pela Encíclica da “exortação **‘evangelli nuntiandi’**” que as considera como: forma rudimentar de professar sentimento religioso e estão susceptíveis a deformações, superstições que são “apenas [...] manifestações culturais” que não expressam [...] de acordo (SCHLESINGER, 1995: 2199-2200) “uma verdadeira adesão de fé [...] pode levar a formação de seitas e por em perigo a verdadeira comunidade eclesial”, segundo os padrões da Igreja Católica.

Esses clérigos vão adiante demarcando através de fragmentos conceituais aquilo que caracterizam de “religiosidade popular”: expressão de “festas e romarias” piedosas dedicadas a “Deus e aos santos”, que através de “encarnação evangélica transmite a fé em Jesus Cristo por meio de ritos e palavras próprias”, atribuindo a Deus “a paternidade, a providência, a presença amorosa constante” e que somente “os pobres”, mediante “generosidades”, “podem experimentar”. Todavia, essas demonstrações religiosas são qualificadas como inferior por não ter conseguido “moldar essa fé católica”, esta “sede de Deus” as “estruturas sociais e econômicas vigentes” ⁷.

Tais formulações sobre essa religiosidade cristã, apesar de ser apreendida como “forma de cultura” vivenciada por gente “simples”, capaz de articular dimensões terrenas de experiências vivenciadas aos imaginários de fé através de linguagens, comportamentos e valores próprios são vislumbradas por segmentos letrados como deformadas e ameaçadoras. Já que não aderiram nem às normas “sociais e econômicas”, nem às formas de organização doutrinal desenvolvida e preconizada pela instituição da Igreja Católica. Para tanto, recomendam submeter essa “religiosidade popular” a uma “pedagogia evangelizadora” para alcançar a “fé verdadeira” através da qual revelará seus “ricos valores”.

É nesse sentido que as abordagens sobre milagres e práticas mágicas originárias de tradições indígenas, africanas, européias disseminadas no País são denominadas, genericamente, de religiosidade popular, um conceito formulado mais para estabelecer a diferença entre “eles”, aqueles que organizam suas práticas religiosas respaldadas em

⁷ Todas as expressões entre aspas foram retiradas do texto “Religiosidade popular” de Schlesinger, Hugo. Op. Cit., pp. 2199.

suas linguagens e expressões culturais próprias e “nós” a instituição religiosa da Igreja Católica que estabeleceu uma hierarquia baseada em princípios e normas assentados em códigos escritos que devem ser cumpridas rigorosamente pelos fiéis.

Para além dessas tensões, autores de folhetos continuaram organizando várias narrativas poéticas sobre as referidas temáticas ainda que não sejam as mais recorrentes dessa literatura. Assim, resolvemos restringir o universo para aprofundar o diálogo sobre aspectos políticos e religiosos na produção e circulação em três folhetos de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante. Posto dessa forma, diante desse terreno escorregadio e pouco trabalhado, precisamos nos esforçar para tentar uma leitura “a contrapelo” sobre as temáticas apresentadas por Rodolfo que é considerado um dos mais importantes autores da literatura de folhetos do Brasil.

De acordo com a biógrafa Maria do Rosário Pinto (2009) da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em Rio Largo, Alagoas, em 1917, posteriormente mudou-se para Maceió e, desde muito jovem precisou trabalhar para ajudar no sustento da família. Durante sua adolescência viajou por vários estados das regiões Norte e Nordeste trabalhando principalmente de camelô e palhaço de circo, nesse período já ensaiava os primeiros versos participando de bailes pastoris, cheganças e reisados, apresentando sinais que já estava adentrando em um mundo carregado de sonhos, fantasias e fenômenos lendários e sobrenaturais.

Suas experiências anteriores como camelô e palhaço parecem ter contribuído para desenvolver habilidades com a poesia, as trovas e as vendas. Ciente dessa conquista, em suas andanças pelo Piauí ainda segundo Maria do Rosário, comprou folhetos de autoria de João Martins de Athayde para revender, dando início a sua vida de vendedor de folhetos. Posteriormente, em 1945 fixou residência em Salvador, instalou uma pequena gráfica e deu início a publicação de seus folhetos, “Os clamores dos incêndios em Teresina; o ABC de Otávio Mangabeira, em 1949; ABC da Praça Cayrú, [19--]; ABC de Getúlio Vargas, [19--]” e, de acordo a refeida biógrafa, seu primeiro grande sucesso de vendas foi “A volta de Getúlio”, de 1950.

Assim, observmos que duas temáticas política e religião, estiveram muito presentes nos anos iniciais da carreira de Rodolfo como poeta e impressor de folhetos. É

possível que essa escolha não seja por acaso, no período de transição entre as décadas de 1940 e 1950 os líderes políticos país e do estado perceberam que além de garantir apoio político de cabos eleitorais e coronéis para manutenção do poder, era necessário encontrar outras mídias através das quais pudessem se aproximar tanto de grupos do interior do estado como dos novos grupos que emergiam com o crescimento urbano.

A esse respeito são interessantes as considerações de Ana Paula Ribeiro, para quem as relações do jornalismo com a política na década de 1940 eram estreitas e nesse período os diários se tornaram instrumento essencialmente político. Os pequenos jornais eram opinativos, apresentavam uma linguagem polêmica, marcados pelos debates e, principalmente, se tornaram verdadeiros arautos do estado ou de grupos políticos que os financiavam. (RIBEIRO, 2003: 147-160). No caso específico de Salvador, Rodolfo Cavalcante que, já dispunha de pequena estrutura editorial, em lugar privilegiado da cidade, se aproxima de Otávio Mangabeira, um político em ascensão.

No cenário político da Bahia dentre os grupos oligárquicos que assumiram o comando do estado é importante salientar que Otávio Mangabeira era o principal aliado de José Joaquim Seabra, iniciou sua carreira como vereador do PRB, em 1908, no ano seguinte se vinculou ao PRD criado para organizar oposição a Luís Viana (DIAS, 2007). A trajetória política de Otávio Mangabeira é coroada com sua eleição a governador da Bahia pela UDN em 1947, imediatamente após a redemocratização do país. Em seguida, observa-se a ascensão política do grupo liderado por Antônio Balbino que, apoiado por Mangabeira, venceu as eleições ao governo do estado em 1954 compondo uma frente ampla de oposição a Juracy Magalhães. Porém, no pleito seguinte, em 1959, Juracy foi conduzido ao governo do estado pela legenda da União Democrática Nacional (UDN), partido que ele criou na Bahia. (CARVALHO 2005: 110-111)

Se na história política da Bahia, no jogo pelo poder, as elites agárias organizaram uma cultura política cujo poder estava sob o controle oligárquico através das alianças estabelecidas com os coronéis que mantinham o controle eleitoral através do “voto de cabresto”, essas relações começam mudar a partir da década de 1950. O processo de industrialização e a implantação da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, possibilitaram tanto o aparecimento de pequena burguesia local quanto a imigração de

grupos sociais do interior do estado e do país atraídos pelo crescimento de Salvador e da Região Metropolitana. Apesar de o jogo político não apresentar modificações essenciais no controle das tradicionais oligarquias observa-se o surgimento de uma cultura política que vai, lentamente, apresentando modificações nas décadas posteriores. (MATTA 1998)

Nesse sentido, é importante considerar que entre o final da década de 1940 e 1950 os governadores baianos foram eleitos através de coligação que uniam adversários políticos: Otávio Mangabeira foi eleito pela UDN com apoio do PSD criado pelos interventores de Vargas, apoiou a campanha de Régis Pacheco para o pleito de (1951 a 1955) que se tornou governador pelo PSD com apoio do PTB derrotando Juracy Magalhães da UDN. Na eleição seguinte a coligação formada por dissidência do PSD, PTB e UDN elegeu o governador Antônio Balbino, (1955-1959) e Juracy Magalhães que chefiou o executivo baiano de 1959 a 1963. Em síntese, nesse período, as três maiores legendas da Bahia não conseguiram, isoladamente, garantir hegemonia capaz de eleger os candidatos.

Evidências sugerem que Rodolfo está atento à conjuntura política da Bahia e do país quando: publica folheto dedicado a Otávio Mangabeira reconhecendo-o como importante aliado das reivindicações de poetas, cantadores e folheteiros, ao se posicionar contra a proibição de comercialização seus produtos em logradouros públicos; constói na Bahia, em 1955, o Iº Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros jogando ênfase sobre a importância da profissionalização de sujeitos envolvidos na produção e circulação da literatura de folhetos; participa da fundação da Associação de Imprensa Periódica da Bahia e produz os periódicos, “A Voz do Trovador,” “O Trovador” e “Brasil Poético” (PROENÇA, 1986: 580-581) ⁸ destinados a discutir temáticas relacionadas ao contexto baiano e nacional além de problemas relativos ao ofício poético.

Assim, observamos que Rodolfo está interessando em reunir duas mídias impressas os folhetos de cordel e os jornais periódicos de grande importância para informar, noticiar e sondar o público já que se destinam a grupos sociais cujas

⁸ A esse respeito são interessantes as observações de PROENÇA, Manuel Cavalcante (org.) (1986). Literatura popular em verso: antologia. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1986. pp. 580-581.

capacidade de consumo, habilidades de leitura e recepção são bastante diferenciadas. Ao buscar ampliar o público leitor de seus folhetos tornar-se referência organizativa para sua categoria profissional e ganha visibilidade política como articulador de suportes de leituras, relações sociais e veiculação de concepções políticas que atingem diferentes grupos situados em distintos tempos e territórios da Bahia.

Todavia, importa considerar que essa atitude de Rodolfo não é corriqueira entre os folheteiros. Segundo Vilma Quintela, apesar desse exercício político de poetas e violeiros (QUINTELA, 2003) que se reuniram em Salvador para discutir a profissionalização ser uma atitude localizada, essa ação constituiu importante manifestação política, recebeu apoio de intelectuais e serviu para colocar na ordem do dia “o problema dos direitos autorais”. (DIEGUES JR, et al, 1985: 19-25)⁹

Nesse sentido, ao provocar seus colegas detonou um processo de mobilização de poetas soteropolitanos dos quais se tornou liderança depois da realização do primeiro “Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros”. A partir desse prestigiado evento, organizou o “Grêmio Brasileiro de Trovadores”, com sede em Salvador, contribuindo, de forma decisiva, para estimular a produção e circulação da poesia popular em uma conjuntura na qual outra mídia, a radiofonia começava a se expandir e atingir ouvintes que, sem saber decodificar os códigos escritos da poesia, se aglutinavam em torno do rádio para escutar notícias, mensagens e entreterimentos que soavam muito bem às audições.

Nesse processo Rodolfo passou a ser chamado pelos amigos e colegas de profissão de o “Trovador Popular Brasileiro” conforme indicações do dicionário biobibliográfico (ALMEIDA e SOBRINHO, 1978: 109). Biógrafos e pesquisadores que se dedicaram a estudar sua obra identificam seu empenho em tratar vários aspectos da religiosidade de grupos sociais do Nordeste. Edilene Matos considera que, “a religião é assunto muito sério nos folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante”, em seus enfoques temáticos observamos uma tendência de privilegiar as narrativas sobre enfrentamentos na relação homem/Deus através de manifestações de culpas, pecados, milagres e

⁹ Segundo Diegues Junior (ET ALL.) *A Literatura popular, em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, pp, 19-25. Os problemas relacionados aos direitos autorais fazem parte da história da Literatura de folhetos desde 1909 quando Leandro Gomes de Barros imprimia em alguns de seus folhetos informações sobre sua autoria buscando evitar apropriação indébita de seus folhetos.

aspectos de práticas religiosas protestantes, espíritas, católicas, afro-brasileiras entre outras, além das metamorfoses de homens e mulheres em animais.

A esse respeito vale a pena atentar para as considerações de e Edilene,

“A moça que bateu na mãe e virou cachorra, recorde de vendagem dos mais de 2000 títulos de sua autoria, com 445.000 exemplares circulados em vinte e oito edições, a partir de 1952, aborda o aspecto da punição, o que acontece por motivo de uma zombaria de uma moça que, na sexta-feira da Paixão (...) revoltou-se contra a genitora.” (MATOS, 1886: 46)

Nesse recorte, além do foco sobre aspectos da moral religiosa, essa autora apresenta informações valiosas para compreender o esforço do autor em articular com a família a produção dos folhetos, na maioria, de oito páginas, capas estampadas com xilogravuras ou clichês, confeccionados artesanalmente, com a ajuda dos filhos e apenas com impressão feita em tipografias. Com exemplares publicados em Salvador, Jequié e, eventualmente, na editora Prelúdio¹⁰ de São Paulo, produziu uma gigantesca obra poética com “mais de 2000 títulos” e organizou outros procedimentos para veicular, segundo a biografia (PINTO 2010), através da vasta rede de agentes distribuidores em todo Nordeste um processo de circulação de seus folhetos.

A respeito do processo de divulgação e distribuição de seus folhetos é interessante notar que Cavalcante além de se preocupar em manter diálogos com seu público através de narrativas poéticas nas quais versa sobre temáticas que se referenciavam em dimensões culturais de vários grupos sociais do Nordeste, transformava a última capa, uma parte de grande visibilidade do folheto impresso, para fazer propaganda de sua obra e anunciar tanto aos distribuidores e vendedores ambulantes quanto a seu público leitor, possíveis consumidores de seus contos, como organizava as edições produzindo em quantidade para manter estoques e vender a preços competitivos exemplares de sua obra, anunciando que,

acaba de editar um formidável estoque de seus folhetos e romances, vendendo por esse motivo, por preços jamais equivalentes aos seus competidores, ou seja, sortidos: preço de centro 20 cruzeiros e por milheiro 150 cruzeiros. (CAVALCANTE, 1950)

¹⁰ Nessa editora foram publicados os folhetos de ABC: dos namorados, do Amor, do Beijo e da Dança e A Chegada de Lampião no Céu, ambos em 1959.

Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=320>

Seu argumento demonstra que estava interessado em ampliar o mercado de consumo para ampliar seu público leitor. Mais que isso, coloca-se à disposição para expandir a distribuição e a revenda de seus trabalhos para todo território nacional, divulgando que aceita “agentes em qualquer parte do País, com direitos exclusivos para revender em qualquer praça!”. Sua estratégia para atrair compradores do país inteiro é sugerir que concede o posto de exclusividade para quem revender os folhetos de sua autoria na praça de origem do distribuidor ou como “agente” em qualquer outra que desejar. Esse procedimento é recorrente, inclusive, aos poetas/autores / folheteiros que, na maioria das vezes, vai a uma feira em determinado distrito ou município e, em seguida, costumam percorrer todas as praças circunvizinhas.

Nesse sentido, quando Cavalcante realiza pedidos por “correspondência”, para: na Rua Alfredo de Brito, nº 20, 1º andar, Salvador, Bahia um endereço no centro da cidade, próximo ao Pelourinho e à rua Chile que constituem, no final da década de 1940, espaços de sociabilidade de grupos de grande visibilidade econômica e política da sociedade soteropolitana e baiana aponta caminhos inusitados para um poeta de folhetos, instalar uma distribuidora em local de grande fluxo comercial e utilizar um mecanismo de comercialização inovador para vender folhetos naquele contexto histórico enviando a remessa através dos “Correios e Telegrafos”. E não pára apenas na remessa pelos correios, vai além quando se coloca disponível para atender o “despacho urgente” e flexibilidade para negociar, porém, antecipa também suas condições: “negócios a vista!”; cujo sinal de exclamação, parece indicar que todas as facilidades e vantagens propostas apresentam uma condição indispensável: pagamento à vista.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

AOS SNRS. REVENDEDORES!
Rodolfo Coelho Cavalcante avisa, que acaba de editar um formidável estoque de seus folhetos e romances, vendendo por este motivo, por preços jamais equivalentes aos seus competidores, como seja: .SORTIDOS:

Preço para cento	Cr. \$ 20,00
Para milheiro	150,00

Aceitando agentes em qualquer parte do País, com direitos exclusivos para revender em qualquer praça!

Negocios a vista! Despacho urgente! Aceita-se pedidos por correspondencia, para: Rodolfo Coelho Cavalcante — Rua Alfredo Brito n°. 20 — 1.º andar — Salvador — Bahia.

Avisos Importantes:
TROVADOR ALAGOANO



Rodolfo C. Cavalcante
(Autor deste folheto)

AOS SRS. AMIGOS E LEITORES!
NAO DEIXEM DE LER:

Amor e Falsidade (Romance), A Discussão do Artista com o Médico, O Boi de 7 Chifres, O que vai acontecer até 1950, A verdadeira Profecia do Padre Cicero, A Desventurada, Mulher sem Alma, O Fim do Mundo, O encontro de Rodolfo Coelho com Ricardo Lopes, A Discussão de Cavalcante com Canario, Filha Maldita, Paixão de Cristo, A Vida do Sertanejo, O Pae de Santo, e muitos outros livros.

FAÇAM JA' OS PEDIDOS!

Evidencias impressas em seus folhetos apontam ainda que, conforme mencionamos acima, Rodolfo também esta interessado em manter diálogos com sujeitos mais próximos de “amigos e leitores” aos quais recomenda que “não deixem de ler”, o romance e os folhetos que se encontram editados e disponíveis para a venda, “Amor e falsidade, A discussão do Artista com o Médico, O boi de 7 chifres, O que vai acontecer até 1950, A verdadeira Profecia do Padre Cicero, A Desventurada, O encontro de Rodolfo Coelho com Ricardo Lopes, A discussão de Cavalcante com Canário, Filha Maldita, Paixão de Cristo, A Vida do Sertanejo, O Pae de Santo, e muitos outros livros” e, finalmente, recomenda “façam já seus pedidos”.

Apresento esse recorte acima com imagem da última capa do folheto “O milagre de Santo Antonio” apenas para situar os interesses, inquietações e provocações desse autor a respeito da produção, circulação, distribuição, recepção e discussão com diversos atores sociais, como se pode depreender pelos títulos das temáticas dos folhetos

acima apresentadas. Porém uma análise mais aprofundada desses diálogos com esse público escapa as pretensões desse texto nesse momento.

Mas, voltando a visualidade da última capa é notável como Rodolfo utiliza sua própria imagem, uma fotografia 5X7 cm, na qual aparece de perfil, usando terno e gravata claros possivelmente de linho branco, cabelo bem penteado e brilhante, óculos e um bigode fino e ralo que lhe confere uma aparência ainda mais jovem. Mas, tão importante quanto a referida imagem são as legendas que aparecem na parte superior e inferior da referida fotografia, “Avisos Importantes”: na sequência em caixa alta, “TROVADOR ALAGOANO” e embaixo, “Rodolfo C. Cavalcante, entre parêntese, (autor desse folheto)”. Essa performance imagética seguida dos avisos indica mais do que uma confirmação da assinatura, um carimbo da propriedade intelectual do texto poético.

E importante ressaltar que apesar de versar sobre várias temáticas, Rodolfo estabeleceu um vínculo mais forte com o da religião que esta relacionada a uma forte tradição familiar e antecede sua poética. A esse respeito, o estudioso da obra de Cavalcante, Eno Teodoro Wanke sugere que a amplitude da religiosidade católica deve ser considerada porque “nascido e criado em ambiente católico”, o poeta seguia essa religião “com entusiasmo e dedicação”, em Maceió, quando era criança corria atrás de padres para ganhar santinhos e “beijar-lhes” as mãos e “rezava o Ofício de Nossa Senhora todos os sábados,[...] ia à missa todos os domingos”, além disso, mesmo depois das suas andanças pelo “mundo, não saía de uma cidade sem se confessar e comungar” e para consagrar esse fervor religioso, “Casou-se arraigado no catolicismo”. (WANKE 1983: 730) Apesar dessa ligação, vivenciou outras religiões, o protestantismo e, principalmente, o espiritismo com o qual estabeleceu uma relação estreita assumindo pregações e expandindo os espaços de reunião fundando centros espíritas.

Essas considerações sobre Rodolfo são importantes porque indicam os sentidos da moral religiosa que estão presentes em seus folhetos. De acordo com Ibiraci de Alencar Chagas, essa postura era tão radical que é possível encontrar em seus folhetos críticas ao consumo de bebidas, ao ateísmo, ao ciúme e até eventos que julgava como infração aos costumes e desrespeito às normas de boa conduta. Segundo Chagas, Rodolfo se envolveu em campanhas para “combater os folhetos ditos “licenciosos” ou “imorais”,

isto é, de orientação pornográfica”; seu envolvimento era tão forte que chegou a fazer “uma queima pública, em frente à sua casa, de milhares de exemplares deste tipo de folheto, apreendidos pelo próprio autor”, (CHAGAS, 2005).

Essa concepção de uma moral religiosa arraigada aparece em vários trabalhos do final da década de 1940, o folheto “O milagre de Santa Teresinha”, editado em 1948, conforme indica a capa, foi concebido como peça teatral antes de ser publicado em formato de folheto. Essa interconexão entre os formatos, cênico, poético e impresso como texto é instigante porque indica a possibilidade produção, veiculação e recepção das narrativas através de múltiplas linguagens, no caso específico: as rimas, a sonoridade dos versos e as performances que são utilizadas tanto para apresentar contos e vender folhetos através de declamações públicas, como para realizar uma encenação teatral.

O recurso à utilização dessas linguagens mostra a recorrência do autor às experiências anteriores que, passando anos da juventude no circo, participou de uma escola de vida, que, possivelmente o tenha inspirado a escrever dramas sobre assuntos relacionados às tensões da vida cotidiana de grupos sociais diante dos rígidos princípios religiosos católicos. Para dar ênfase à sua narrativa, realizava apresentações no formato de espetáculos dramáticos em várias seções, para atrair o público de localidades do interior do Nordeste. Mais que isso, demonstra o comprometimento do autor em procurar várias possibilidades de divulgar informações, princípios e moral religiosos através de textos – em prosa e versos -, performances, imagens sagradas buscando contribuir para a formação de sentimentos e culturas religiosas vinculadas a tradições católicas do Nordeste.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. “*Entre a oralidade e a escrita: um estudo dos folhetos de cordel nordestinos*”. ELO – Estudos de literatura Oral, nº 3, 1997, Centro de Estudos de Algarve, p. 255. Campus de Gambador, Faro: Portugal;

ABREU, Márcia. “*Literatura de Folhetos Nordestina: Uma alternativa para a alfabetização*”. In: **Anais do I Congresso Luso - Brasileiro, Lisboa**, 23 a 26/10/96

ABREU, Márcia **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (Histórias de Leitura).

ALMEIDA, Átila A. F., SOBRINHO, José A. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Editora Universitária/ Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia, 1978. p. 109.

BRITO, Gilmário Moreira. **Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste**. São Paulo: Annablume, 2009, pp. 22 a 25.

CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. **Juracy Magalhães e a construção do Juracismo: um perfil da política baiana**. 2005. Dissertação (Mestrado) - UFBA, Salvador, 2005, p. 110 e 111.

CHAGAS, Ibiraci de Alencar. “*Cantares da fé: religiosidade e moral na literatura de folhetos*”. Monografia de especialização apresentada ao Programa de Pós – Graduação em História Social da Bahia. Feira de Santana: UEFS / PPGHSB, 2005.

DIAS, José Alves (doutorando) Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. Anais das Jornadas de 2007.

MATOS, Edilene. **O imaginário na literatura de cordel**. Salvador: Ufba / Edições Macunaíma, 1986. p. 46

MATTA, Alfredo. “*Concepções e ferramentas para ascensão da burguesia na Bahia*” in **Contra Ponto**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 1998.

PINTO, Maria do Rosário. **Biografia de Rodolfo Coelho Cavalcante**. Rio de Janeiro: FCRB, 2010. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/template_01/default.asp?VID_Secao=320>

PROENÇA, Manoel C. **Literatura popular em verso (literatura)**. Rio de Janeiro: F.C.R.B, 1985, p.33.

PROENÇA, Manuel Cavalcante **Literatura popular em verso: antologia**. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1986. pp. 580-581.

QUINTELA, Vilma Mota. “*Notas sobre um autor: anotações para um esboço biográfico*”, In: **Inventário**, Revista dos estudantes do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA / PPGLL. Salvador: Eufba, 2003.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950**. Rio de Janeiro: Revista Estudos históricos, nº 31, 2003. PP 147 a 160.

SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. **Dicionário Enciclopédico das religiões**. Petrópolis: Vozes, 1995. Tomo II, pp. 2199/2200.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

WANKE, Eno Teodoro. *Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1983. p. 73.